



Diário de Bitita: a autobiografia de Carolina Maria de Jesus

Diário de Bitita: the autobiography of Carolina Maria de Jesus

Jorlaine Monteiro Girão de Almeida

<https://orcid.org/0000-0002-4141-5689>

Kelcilene Grácia Rodrigues

<https://orcid.org/0000-0002-7141-3289>

Resumo: Fundamentado nos pressupostos teóricos de Lejeune (2008), este trabalho tem como objetivo a análise do aspecto autobiográfico na obra Diário de Bitita (2014) de Carolina Maria de Jesus. É uma pesquisa bibliográfica, de análise literária e caráter imanente, tendo como principais bases teóricas os autores: Philippe Lejeune (2008), Robert Levine e José Meihy (2015) e Tom Farias (2020). Em primeiro plano, será apresentada a infância sofrida da autora que é enredo da obra Diário de Bitita. Em segundo plano, será analisada a ausência de Carolina no cânone literário. E em terceiro plano, analisaremos a obra Diário de Bitita como uma autobiografia, diferente do que está presente no título do livro definido como diário.

Palavras-chave: Diário de Bitita; autobiografia; infância; Carolina Maria de Jesus.

Abstract: Based on the theoretical assumptions of Lejeune (2008), this work aims to analyze the autobiographical aspect in the book Diário de Bitita (2014) by Carolina Maria de Jesus. It is bibliographical research, of literary analysis and immanent character, having as main theoretical bases the authors: Philippe Lejeune (2008), Robert Levine and José Meihy. (2015) and Tom Farias (2020). In the foreground, the suffered childhood of the author who is the plot of the work Diário de Bitita will be presented. In the background, the absence of Carolina in the literary canon will be analyzed. And thirdly, we will analyze the work Diário de Bitita as an autobiography, different from what is present in the title of the book defined as diary.

Keywords: Diário de Bitita; autobiography; infancy; Carolina Maria de Jesus.

INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo geral analisar os aspectos autobiográficos na obra *Diário de Bitita* (2014) através da infância e adolescência da protagonista Bitita relatadas na obra de Carolina Maria de Jesus, no intuito de perceber de que modo o estilo autobiográfico da autora é fundamental para o entendimento sobre a importância de uma literatura heterogênea que valoriza as múltiplas identidades nacionais e destaca a exclusão social da mulher, negra, pobre e periférica. Como objetivos específicos, estabelece-se: a) analisar os aspectos autobiográficos da obra; b) identificar os aspectos socioculturais que circunscreveram a existência e as experiências da protagonista; c) correlacionar as experiências autobiográficas aos estereótipos direcionados à mulher pobre, negra e periférica.

Utiliza-se, como percurso metodológico, uma abordagem qualitativa da narrativa por meio de pesquisa bibliográfica para demonstrar as marcações autobiográficas e as opressões de gênero. Visa-se atingir os objetivos expostos por meio da leitura e análise das obras de Carolina Maria de Jesus, especialmente, *Diário de Bitita*, bem como textos teóricos e críticos que foquem no estilo autobiográfico e na exclusão da mulher negra, pobre e periférica do cânone e da sociedade.

A partir da teoria citada, escreve-se esta análise a partir da seguinte problemática: qual a relevância da observação do espaço literário autobiográfico e do espaço social retratado na obra *Diário de Bitita*? Problematizar o teor sociocultural do *Diário de Bitita* nos possibilita ver como as tramas, as personagens e os papéis sociais vão se constituindo ao longo da história de vida da protagonista e da escritora e esclarece que o espaço destinado às mulheres negras, pobres e periféricas é o da subalternidade, de trabalhos mal remunerados destinados à limpeza, de cuidado e manutenção de espaços familiares e sociais. Assim como observa-se: qual o espaço na literatura autobiográfica para as autoras negras?

A narrativa analisada retrata a realidade da mulher negra em várias esferas, como a vida profissional, a realidade delas com várias jornadas de trabalho, as dificuldades em criar os filhos sozinhas devido à condenação social, à exploração sexual, a luta delas por seu espaço profissional e por equiparação salarial.

A análise do espaço da mulher negra no estilo literário autobiográfico vai muito além do cânone. É necessário vislumbrar a realidade de vida delas que remete à exclusão em várias esferas da sociedade, assim como a dificuldade no acesso à educação e à dignidade.

Para tanto, este artigo abordará em primeiro plano, a infância de Carolina de Maria de Jesus, retratada em sua obra *Diário de Bitita*, com o objetivo de análise das questões sociais que excluem a mulher negra da literatura. Em segundo plano, será analisada a ausência de Carolina no cânone brasileiro. E em último plano, as características da obra serão apresentadas com justificação ao estilo autobiográfico.

A INFÂNCIA

Carolina Maria de Jesus, conhecida na infância como Bitita, tem em seu registro a data de 14 de março de 1914 como o seu nascimento, embora, na certidão de batismo emitida pela Paróquia Nossa Senhora do Patrocínio do Santíssimo Sacramento, a data seja de 6 de outubro de 1915, e ainda, em suas memórias¹ hesita sobre a possibilidade de ter nascido no ano de 1921: "No dia 27 de agosto de 1927 o vovô faleceu. Minha mãe disse-me que eu estava com seis anos. Será que eu nasci no ano de 1921? Há os que dizem que nasci no ano de 1914" (JESUS, 2014, p. 123).

Castro e Machado (2007) afirmam que Carolina solicitou a certidão de nascimento no dia 18 de agosto de 1934 junto ao Cartório de Registro Civil em Sacramento - MG, sua cidade natal, uma vez que precisava dos documentos para viajar para outras cidades. Essa imprecisão do nascimento era comum dada a época em que Carolina nasceu, já que a inscrição de nascimentos em registros públicos só foi regulamentada em 1916. A própria Carolina deixa clara essa ausência de registro: "Os negros não serviam ao exército porque não eram registrados, não eram sorteados. [...] Ninguém na minha família tinha registro. Não era necessário o atestado de óbito para sepultar os mortos" (JESUS, 2014, p. 123).

Era filha de Maria Carolina de Jesus, alcunhada de dona Cota, trabalhava como empregada doméstica e João Cândido Veloso, um poeta boêmio dado a

¹ As memórias de infância de Carolina citadas nesta pesquisa pertencem à obra *Diário de Bitita*, publicada no ano de 1986.

cantorias de improviso e que não gostava de trabalhar. Carolina em seu relato de infância demonstra a sua insatisfação por nunca ter conhecido o pai:

[...] Eu invejava minha mãe por ter conhecido pai e mãe. Várias vezes pensei em interrogá-la para saber quem era o meu pai. Mas faltou-me coragem. Achei que era atrevimento da minha parte. [...] Um dia, ouvi da minha mãe que o meu pai era de Araxá, e o seu nome era João Cândido Veloso. E o nome da minha avó era Joana Veloso. Que o meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele só tinha um terno de roupas. Quando ela lavava a sua roupa, ele ficava deitado nu. Esperava a roupa enxugar para vesti-la e sair. (JESUS, 2014, p. 13-14)

O grande empecilho, segundo Farias (2018), para o conhecimento do pai de Carolina foi o fato do relacionamento deles ter acontecido quando Cota ainda era casada com Osório Pereira. Esse casamento era de um enorme descontentamento para Cota, pois Osório não provia o suficiente para alimentar a família, o que fez com que ela tivesse que buscar trabalho como empregada doméstica. Cota conheceu João, o pai de Carolina, em bailes. Em sua vida de boêmio, este desapareceu do mundo e deixou sua filha Carolina para trás. Assim, a pequena Bitita, foi taxada de filha bastarda e passou a vida sem notícias do pai e sentindo-se preterida em relação ao irmão e à sua cor: "Não sei se era ciúme, mas eu notava diferenças nos modos de mamãe nos tratar. O meu irmão era predileto. Eu pensava: "Ela trata-o com todo carinho, porque ele é mulato. E eu sou negrinha"" (JESUS, 2014, p. 84).

Bitita, durante a infância, era uma criança muito questionadora. Sua renitência era repreendida pela tia Claudimira, irmã de sua mãe, e pela própria mãe que por muitas vezes esbravejava " - Cala a boca, cadela! – gritava Cota para Bitita. – Você quer me deixar louca!" (FARIAS, 2018, p. 37). Até a vizinhança reclamava, achando que não era normal uma menina ter tantas perguntas. Tais só cessavam quando alguém respondia ou perdia a paciência e a espancava. A única pessoa que tinha controle sobre ela era seu avô Benedicto, a quem ela admirava muito e que a protegia de suas travessuras: "Quando eu não apanhava, sentia falta. Então compreendi que o vovô era o meu defensor" (JESUS, 2014, p. 29).

Um dos episódios marcantes para toda a vida de Carolina aconteceu num momento em que Cota a deixou com Siá Maruca, mulher de seu avô, para ir trabalhar, pois o marido Benedicto a proibia de sair de casa sem a autorização dele, nisso, Bitita acostumada ainda ao leite materno da mãe passava os dias aos

prantos. Até que sua avó resolveu sossegar a menina diante das reclamações da vizinhança e deu-lhe cachaça do marido que tinha em casa:

Um dia, ela deu-me pinga para beber. Adormeci e não chorei. Siá Maruca sorriu comentando: Acertei o remédio pra você. Você quer é pinga, cachorrinha!

Quando minha mãe chegou do trabalho, não me ouvindo chorar, foi averiguar. Eu estava inconsciente. Minha mãe pegou-me e levou-me ao médico espírita, o senhor Eurípedes Barsanulfo. Ele olhou-se, sorriu e disse-lhe: - Ela está embriagada, deram-lhe álcool para beber e adormecer. [...] Deu-me uns remédios para vomitar o álcool e disse com voz enérgica: - Você nunca há de beber. O álcool é péssimo promotor. (JESUS, 2014, p. 73-74)

Bitita volta a ter contato com o nome do médico que a ajudou com alcoolismo aos sete anos quando, por meio de dona Mariquinha, uma filantropa, faz sua matrícula no Colégio Allan Kardec, que era o melhor da região na época e foi fundado pelo Dr. Eurípedes Barsanulfo que já havia falecido há três anos em consequência da gripe espanhola.

Na escola sofria muitos assédios, tanto em relação à sua cor: "- Que negrinha feia!", como pela sua condição social: "não tenho culpa da odisseia de vocês; mas eu sou muito rica, auxilio vocês porque tenho dó" e por seu comportamento: "Então a senhora ainda mama? – Eu gosto de mamar. Os alunos davam gargalhadas. – Então a senhora não tem vergonha de mamar?". Foi graças a essa fala e a umas reguadas nas pernas que Carolina sentiu nojo de mamar quando chegou em sua casa. A mãe sorriu aliviada porque agora era livre: "Graças a Deus! Eu lutei para desmamar esta cadela e não consegui. [...] Sou livre! Agora posso passear." (JESUS, 2014, p. 126-127).

Carolina ia para a escola contra a sua vontade. Em seu *Diário de Bitita* relata que era preguiçosa e que mesmo diante das inúmeras tentativas de faltar às aulas, sua professora insistia em seu aprendizado e mandava um aluno buscá-la em casa. A professora percebendo o desinteresse nas aulas desenhou no quadro negro um homem com tridente na mão e avisou-lhe:

- Dona Carolina, este homem é o inspetor. A criança que não aprende a ler até o fim do ano, ele espetá no garfo. No fim do ano, ele vem aqui e eu vou apresentá-la a ele e pedir-lhe que dê um jeito na senhora, por que a senhora não quer estudar. Ele há de espetá-la no garfo. (JESUS, 2014, p. 128).

Foi por conta dessa ameaça que Bitita aprendeu a ler. Sonhou por muitas noites com a visita do inspetor e corria chorando até a mãe pedindo para que o mandasse embora e não a deixasse ser espetada pelo garfo, pois iria estudar e aprender a ler. O desenho ficou no quadro por três meses, tempo em que ela percebeu que já conseguia ler os nomes das coisas. Assim que se deu conta que já conseguia ler os nomes das lojas nas ruas, correu até em casa à procura de algum livro e percebeu que não havia nenhum ali. Foi então que uma vizinha emprestou a ela um exemplar do romance *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, o que lhe rendeu boas lágrimas por compreender bem o sofrimento da escravidão e do racismo. Desde então, ela não deixou mais de ler e esse romance se tornou a sua paixão.

Sua vida escolar foi curta, durou apenas dois anos, pois precisou acompanhar a mãe numa oferta de trabalho na roça em que o Sr. José Romualdo, também negro, buscava uma mulher para ajudar-lhe no trabalho e também em sua solidão. Faltavam dois anos para que ela recebesse seu diploma, no entanto, teve de conformar-se mesmo às lágrimas com a decisão da família.

Cota não teve muita escolha ao receber a proposta de José Romualdo, visto que seus dois relacionamentos anteriores foram com homens que não eram afeitos ao trabalho, e agora parecia que o destino tinha dado a ela uma nova oportunidade com um homem trabalhador. Além do que, tinha dois filhos para alimentar e já havia perdido as esperanças de encontrar alguma boa oportunidade em Sacramento.

Foi na roça que Carolina viveu o que ela descreveu como o momento mais feliz de sua vida. Logo após a chegada de sua família, o fazendeiro disponibilizou a eles terras para o plantio destinado à subsistência. A produção foi aumentando ao longo do tempo, o que deixou a família ainda mais contente. Carolina viveu aquilo que nunca tinha vivido: fartura! Acordavam cada dia mais cedo e mais empolgados com a plantação e o trabalho. A colheita estava tão boa que começaram a vender o que não consumiam para suprir outros gastos como a vestimenta.

O fazendeiro vendo a prosperidade da família sentiu-se incomodado, pois os lucros obtidos da agricultura familiar de Carolina não eram divididos com os donos da terra. E com isso, expulsou todos de lá. Carolina, que trabalhava como doméstica e babá na casa dos patrões, recebia promessa de pagamento em

produtos de beleza para deixar a pele clara, o cabelo liso e o nariz fino. No entanto, nunca recebeu nada por seu trabalho:

- Sabe, Carolina, você vem trabalhar para mim, e quando eu for a Uberaba eu compro um vestido novo pra você, vou comprar um remédio para você ficar branca e arranjar outro remédio para o seu cabelo ficar escorrido. Depois vou arranjar um doutor para afilar o seu nariz.

Pensei: "Então esses homens que trabalham aqui já foram pretos, e a fazendeira os fez brancos! E quando eu ficar com os cabelos escorridos e o nariz afilado, quero ir a Sacramento para os meus parentes me verem. Será que vou ficar bonita?" (JESUS, 2014, p. 136-137).

É precisa a fala de Cota quando diz à Carolina que "o protesto ainda não estava ao dispor dos pretos". Essa visão sobre sua condição de inferioridade é reafirmada logo após a expulsão da família de Carolina da fazenda, quando José Romualdo, seu padraсто, criou coragem e foi reclamar com o patrão, quando este resmungava "-Oh, se ainda existisse tronco!". A partir daqui, Carolina vai sofrer, ainda mais fervorosamente, os danos do racismo. (JESUS, 2014, p. 137-138).

Quando retorna à cidade de Sacramento incomoda-se com tudo o que é diferente da fazenda. Fica indignada por ter que comprar alimentos básicos como arroz e feijão, uma vez que poderiam plantá-los se tivessem um pedaço de terra. Já não consegue conviver com as pessoas da cidade, que segundo ela, não se respeitavam e viviam entre brigas. Foi também aqui neste retorno que Carolina adquire as feridas nas pernas que vão lhe acompanhar por uma boa parte de sua vida e dificultar sua contratação em trabalhos como empregada doméstica.

Seu padraсто conseguiu trabalho em outros sítios, mas a condição de serviço era análoga à escravidão. Trabalhavam em troca de comida. Recebiam nas festas de fim de ano roupas velhas, chope e escovas de dente usadas. Carolina retrata que seu padraсто era triste, como todos os colonos que viviam nessa condição. Foi por sofrer tanto nas fazendas que escreve a poesia "O colono e o fazendeiro":

Diz o brasileiro!
Que acabou a escravidão
Mas o colono sua o ano inteiro
E nunca tem um tustão.

Se o colono está doente
É preciso trabalhar
Luta o pobre no sol quente
E nada tem para guardar.

Cinco da madrugada
Toca o fiscal a corneta
Despertando o camarada
Para ir para a colhêita.

Chega a roça. O sol nascer.
Cada um, na sua linha
Suando e para comêr
So fêijão, e farinha.

Nunca pode melhorar
Esta negra situação
Carne não pode comprar
Pra não dever ao patrão.

Fazendeiro ao fim do mês
Da um vale de cem mil reis
Artigo que custa sêis
Vende ao colono por dez.

Colono não tem futuro
E trabalha todo o dia.
O pobre não tem siguro
E nem aposentadoria.

Ele perde a mocidade
A vida inteira no matto
E não tem sociedade
Onde está o seu sindicato?

Passa o ano inteiro
Trabalhando. Que grandêza
Enriqueçe o fazendeiro
E termina na pobreza.

Se o fazendeiro falar:
Não fique na minha fazenda
Colono tem que mudar
Pôis não ha quem o defenda.

Organisa um sindicato
Para o infausto colono
Que passa a vida no matto
Sem recurso no abandono

Colono quer estudar
Admira o saber do patrão
Que deve lhe estimular
Dando-lhe instrução.

(JESUS, 2021, p. 162-164)

O poema acima foi publicado em sua obra *Casa de Alvenaria* em 2021 pela editora Companhia das Letras que tem projeto de publicar outras obras da autora. As doze quadras estão emolduradas num esquema de rimas ABAB, as rimas são predominantemente consoantes (ão/ão, eiro/eiro, ente/ente, etc.), as letras maiúsculas iniciam todos os versos, assim como o ponto final arremata todas as estrofes. Na ortografia de Carolina fica perceptível a falta que a escola fez em sua vida, mas fica claro também que apesar de não ter mais acesso à escola, a autora leu muito para assimilar as regras literárias de rima, estrofes e versos, além de apresentar palavras incomuns em suas obras.

Durante sua infância e adolescência, recolhe jornais e livros velhos nas casas dos patrões e estuda de forma autodidata. Acredita firmemente que se dedicar-se à leitura e aos estudos, bem como se obedecer e fazer todos os serviços como solicitado, será recompensada futuramente. Com o passar do tempo, acaba encarando a realidade e percebendo que mesmo lutando com toda a sua força, será enganada e humilhada recorrentemente.

Uma dessas humilhações foi a acusação de furto no valor de cem mil-réis de um padre que era hóspede numa casa em que Bitita trabalhava como doméstica. Mesmo negando, Carolina foi presa. Estava prestes a levar uma surra dos soldados quando o telefone tocou informando que o padre havia encontrado o dinheiro. Não houve pedido de desculpas, pois para a família que a empregava "o negro tem a mentalidade de animal". (JESUS, 2014, p. 146).

Decidiu ir até Uberaba a pé para curar as feridas da perna que viraram um tormento em sua vida. Não se despediu de ninguém. Lembrou de uma parente distante que morava lá. Quando chegou até a casa sentiu inveja casa de telhas, pensou que talvez nunca tivesse possibilidade de ter uma casa assim. A dona da casa, Maria Leonaldo, a recebeu friamente e vangloriou-se da condição de vida de suas filhas. As filhas que chegaram à noite não a cumprimentaram. A dona da casa disponibilizou o galinheiro para que Carolina dormisse, disse que era o único lugar possível para ela. Ainda assim, na manhã seguinte informou que não a queria em sua casa e sugeriu que ela buscasse o asilo São Vicente de Paulo, que foi o que ela fez. No asilo recebeu comida e uma cama num quatinho com outras pessoas, mas o tratamento para as suas feridas não era adequado e elas não melhoravam, além do mais, precisava lavar a roupa das trinta pessoas que

estavam asiladas, pois as irmãs tinham nojo do serviço. Decidiu então deixar o asilo.

Volta para Sacramento. São quatro dias a pé. Durante o trajeto, dormia sob as árvores, ao relento. Após outra insatisfação no trabalho como doméstica na casa do Sr. Manoel Soares, decide tratar suas pernas em Ribeirão Preto, sua mãe a ajuda com dinheiro. O desassossego a rege pela estrada. Não consegue permanecer em nenhum trabalho, ou é demitida ou pede demissão. Assim retorna novamente para Sacramento.

Segundo Castro (2007) em Sacramento ninguém a recebe bem. É acusada de feitiço e bruxaria por estar lendo o livro de São Cipriano. É presa junto a mãe onde são espancadas por um policial. Um primo paga pela sua fiança dias após sofrerem com a fome e os maus tratos. As pernas de Carolina voltam a sangrar, as duas pedem esmolas para sobreviver. Depois do episódio vão para Franca, não consegue se estabelecer em lugar nenhum. Encontra um casal que procura empregada para mudar-se para São Paulo. Carolina vê aqui uma perspectiva para a sua vida.

10

CAROLINA NA HISTÓRIA E NO CÂNONE BRASILEIRO

A luta de Carolina é reflexo da segregação brasileira sofrida pelas mulheres, pobres e faveladas, numa sociedade que ainda acredita que os serviços sociais são cortesias do estado, como publicou Levine em sua obra *Cinderela negra*: "A trajetória de Carolina implica [...] a luta cotidiana de uma mulher de cor, pobre e desprovida de **favores** do estado" (LEVINE, 2015, p. 20, grifo meu). Carolina entendia a relação de submissão de sua condição, por isso, de forma completamente esclarecida, decidiu não se casar, pois entendia a relação de dependência e de violência vividas nos casamentos de sua época.

Assim, de forma totalmente independente, sem o auxílio de programas sociais, sem família e sem ter onde morar, Carolina chega à favela do Canindé. Segundo Levine (2015) depois de muito migrar de uma casa à outra, dormir na rua e exercer diversas funções como: faxineira, empregada doméstica, vendedora de cerveja, auxiliar de enfermagem e artista de circo, ela acaba se estabelecendo neste lugar que ficava próximo de um depósito de lixo. Lixo esse que foi seu sustento e de seus filhos por muitos anos. Sua casa tinha uma estrutura

extremamente precária, feita pela própria Carolina com madeira que conseguiu numa igreja e papelão tirado do lixo. Havia uma enorme preocupação na época de chuva, pois tudo alagava e o lugar ficava ainda pior para os moradores, que se compunham de maioria migrantes como a escritora.

Seus três filhos: João, Vera e José nasceram e conviveram com a situação miserável e desumana da favela. E Carolina escrevia seus diários, poemas e romances com a finalidade de ser reconhecida e sair dessa condição. Foi em 1958 que Audálio Dantas conhece Carolina. Ele, jornalista, estava confirmando uma denúncia sobre o mau uso dos brinquedos instalados na favela, assim, ele ouve os gritos de Carolina indignada protestando: “[...] aonde já se viu uma coisa dessas, uns homens grandes tomando brinquedos de criança! [...] Deixa estar que eu vou botar vocês no meu livro!” (FARIAS, 2018, p. 187). Audálio, muito curioso, já chega com interesse perguntando sobre qual livro ela falava.

Foi daí que surgiu o mais conhecido livro da autora *Quarto de despejo*. Publicado no dia 19 de agosto de 1960, na livraria Francisco Alves. Farias (2018, p. 219) afirma que “a publicação do seu livro provocou um alvoroço jamais visto nos meios editoriais paulistanos”. Carolina ficou muito emocionada com a quantidade de gente que compareceu à sua sessão de autógrafos. A livraria foi decorada com faixas contendo frases de seu livro como “O Brasil precisa ser governado por um homem que passou fome” e “A língua da mulher é igual pés de galinha – espalha tudo”.

Carolina passava suas madrugadas escrevendo para se acalmar diante da vida atribulada. Utilizava da escrita para denunciar as mazelas, a vida cheia de problemas dos vizinhos, a falta de solidariedade entre os moradores do Canindé, o descaso do governo que tratava o lugar como um “quarto de despejo”, dentre tantos problemas que vivenciava ali. Aqui seu diário trazia a função de denúncia, gritando sobre as realidades opressoras, a marginalidade diante da miséria social e os conflitos humanos. Aqui, tem-se a concepção engajada da literatura, segundo a visão de Antônio Candido “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (CANDIDO, 2004, p. 113).

A presença dos moradores da favela na sessão de Carolina foi ainda mais gratificante para ela, pois os outros percebiam e se chocavam com o tratamento que lhe era destinado. Nunca tinham visto um favelado ser tratado com tanta

cortesia, imagine uma favelada. Para aqueles moradores da favela aquele espaço da livraria e a presença de figuras importantes como o Pelé era uma honra e/ou um acontecimento o que explicita tamanha desigualdade social.

No entanto, a publicação de Carolina não contou com a presença de nenhum escritor consagrado. Farias (2018) afirma que esses escritores boicotaram o seu lançamento. Um jornalista do jornal "Última hora" fez comentários ácidos sobre a ausência dos escritores:

Ontem foi o lançamento do livro da favelada Carolina: 'Quarto de despejo'. Literatura de macho, sem trejeitos, sem voz fina, sem salamaleques. A preta e sentimental favelada do Canindé, durante mais de cinco horas, atendeu ao povo, autografando o seu excelente livro.

Os escritores, especialmente as vedetinhas das letras contemporâneas, estiveram ausentes. Medo, inveja, ciúmes, mesquinhas. Os habituais bebedores de coquetéis literários desapareceram. Muito "shangay" a tarde de autógrafa ontem ocorrida. Pior: de uma favelada de cor. Na festa popular, apenas aqueles que não têm razões para invejar ninguém nem nutrir ciúmes idiotas. E os outros?" (FARIAS, 2018, p. 222)

O jornal explicitava a necessidade da leitura do livro de Carolina por todos e deixa claro que o livro da autora se encaixa como uma denúncia social, o que a difere dos outros escritores. Embora a tratasse como uma figura exótica e a retratasse no jornal de forma racista, como é percebido no trecho "Pior: de uma favelada de cor".

Uma semana após o lançamento da obra, o livro de Carolina já havia vendido 10 mil exemplares. A escritora participou de programas de rádio e televisão. A alta sociedade agora requisitava a sua presença nos eventos sociais e ela começa a receber os valores referentes à venda de seu livro. Segundo Farias (2018) no dia 21 de agosto de 1960, o jornal "Folha de São Paulo" publicou o *ranking* dos mais vendidos na última semana e o livro de Carolina estava no topo.

Muda-se agora a vestimenta, o penteado e o comportamento da autora e de seus filhos. A imprensa internacional ficou muito interessada na obra de Carolina, por retratar uma realidade não conhecida para eles. A edição se tornou um sucesso internacional:

As 182 páginas de Quarto de Despejo foram republicadas em 13 línguas em mais de 40 países, incluindo a então União Soviética e o Japão. Sua projeção foi vertiginosa, e jamais outro livro publicado no

Brasil com testemunho de mulheres pobres alcançou níveis equiparáveis ao de Carolina. (FARIAS, 2018, p. 30)

A venda de seus livros lhe garantia 10% por livro, 5% iam para Audálio Dantas. Essa porcentagem proporcionou sua saída da favela do Canindé após quatro meses da publicação. Durante sua mudança, vários vizinhos apedrejaram o caminhão que carregava suas coisas. A reclamação era que ela tinha enriquecido às custas dos favelados que descrevia em sua obra, mas que não dividia seus lucros com eles.

Carolina percorreu o continente sul-americano visitando países como Argentina, Chile e Uruguai. Participava de programas de rádio e televisão, palestrava em universidades e concedia entrevistas nos mais diversos espaços. Foi convidada a fazer parte da Academia de Letras de São Paulo e recebeu o título de cidadã honorária e as chaves da cidade. Viajou também pelo Brasil divulgando sua obra e era admirada pelo público.

Já a segunda obra publicada de Carolina não lhe trouxe o sucesso esperado por ser a continuação de sua obra de sucesso. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* foi publicada no ano seguinte à publicação de *Quarto de despejo*, em 1961. A crítica cobrava dotes literários de uma "escritora de carreira", e foi com o tempo vista como oportunista pela opinião pública. (Farias, 2018).

Provérbios de Carolina Maria foi publicado em 1969 e traz uma reunião de dizeres populares. Foi Carolina quem financiou a edição com dinheiro obtido dos lucros de suas edições anteriores. Não houve aceitação de nenhuma editora para publicação dessa obra. As vendas foram ainda mais decepcionantes que a edição de *Casa de Alvenaria*. A situação financeira da autora foi piorando e seus textos perdendo espaço nas livrarias.

Pedaços da Fome foi publicado em 1963, o único romance de sua autoria, mas que teve pouca repercussão comparado aos outros livros. A protagonista é uma mulher jovem, branca e rica que mora no interior de São Paulo, e se casa com um homem branco de boa índole. Foi publicado por uma editora de pouco prestígio e não foi bem recebido pela crítica:

O argumento central do romance de Carolina era básico e rasteiro: as pessoas ricas caracterizariam uma burguesia sem refinamento, sem educação ou posicionamento social aceitável. Os pobres, principalmente do campo, seriam os bons. O texto foi criticado por carregar uma visão maniqueísta da sociedade que de tão simplistas chegava às raias do absurdo. Segundo o enredo, havia dois tipos de

ricos: os latifundiários e os industriais. As figuras masculinas da cidade eram falsas e maliciosas, e os que vinham do campo corrompiam-se em contato com o meio urbano. (FARIAS, 2018, p. 44)

Em 1967, Carolina voltou a catar lixo e morava numa casa modesta em uma parte pobre de São Paulo. Em 1969 mudou-se para uma casa em Parelheiros, a casa ainda precisava de muitos ajustes para ficar habitável, além de não ter energia elétrica nem água encanada, mas Carolina não teve outra escolha se não a adaptação ao novo contexto de vida. O lugar recebeu o nome de *Chácara Coração de Jesus*.

Junto aos pouquíssimos lucros que ela recebia dos direitos autorais, plantava em seu terreno e criava animais para que pudesse vender e alimentar a sua família. Também, em muitas ocasiões, catava papel para venda. E assim seguia a vida sem deixar de lados as suas leituras habituais do cotidiano.

Em 1972, Carolina escrevia uma autobiografia voltada para as suas memórias de infância. Este texto, inicialmente, tinha como título *Um Brasil para brasileiros* ou *Minha vida*. No entanto, o texto foi entregue para a jornalista Clélia Pisa em 1977, ano da morte de Carolina, e publicado em 1982 na França com o título *Journal de Bitita*. Foi apenas em 1986 que *Diário de Bitita* foi publicado no Brasil sob iniciativa do pesquisador e professor Carlos Sebe Bom Meihy, autor de *Cinderela Negra*, uma biografia de Carolina.

A morte de Carolina ocorreu em 13 de fevereiro de 1977, aos 63 anos. Apresentava problemas respiratórios. Morreu a caminho do hospital. A família não possuía condições para um enterro digno. Apelaram para à imprensa para custearem as despesas do cortejo fúnebre, em vão. Foi então que os vizinhos se reuniram para custear o enterro. Não haviam flores. Os vizinhos também as buscaram na rua de última hora para a sua despedida.

Carolina, mesmo escrevendo uma literatura engajada e de extrema relevância para a sociedade, não faz parte do cânone brasileiro. Cânone este que visa privilegiar homens, ricos e brancos e exclui os demais segmentos referentes a gênero, raça e classe social, restando às minorias, isto é, aos negros, mulheres, indígenas, LGBTQI+ e pobres, a segregação, a exclusão, a invisibilidade e o silenciamento no campo literário. José Luís Jobim define o termo cânone como: "a palavra usada para designar o universo de autores e obras que são valorizados,

lembrados e aceitos como importantes em determinada comunidade." (JOBIM, 1998, p. 203)

Reis ratifica que não há lugar para a diversidade no cânone. A homogeneidade está presente para perpetuar a ideologia etnocêntrica e racista dominante. E apesar dos esforços dos escritores em mudar essa realidade e integrar suas obras ao cânone e às listas de livros mais lidos no país, a realidade ainda reflete essa visão dominante:

Nas artes em geral e na literatura, que nos interessa mais de perto, cânon significa um perene e exemplar conjunto de obras – os clássicos, as obras-primas dos grandes mestres –, um patrimônio da humanidade (e, hoje percebemos com mais clareza, esta "humanidade" é muito fechada e restrita) a ser preservada para as futuras gerações, cujo valor é indisputável. (REIS, 1992, p. 70)

A estrutura racista, misógina e elitista fica bem refletida diante de um episódio da vida de Carolina em que ela participa de uma sessão de autógrafos junto com Clarice Lispector. O biógrafo de *Clarice*, publicado no Brasil pela Cosac Naify em 2009, o estadunidense Benjamin Moser, descreve uma foto em que as duas estão de pé conversando da seguinte forma:

Numa foto, ela aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, *Quarto de despejo*, uma das revelações literárias de 1960. Ao lado da proverbialmente linda Clarice, com a roupa sob medida e os grandes óculos que a faziam parecer uma estrela de cinema, Carolina parece tensa e fora do lugar, como se alguém tivesse arrastado a empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro. (MOSER, 2009, p. 15)

A escrita racista é evidente quando diz que Carolina é "negra que escreveu um angustiante livro" e não uma escritora, Moser ainda reforça seu racismo quando destaca que Carolina parece a empregada doméstica de Clarice. Sua condição de mulher, negra, pobre e periférica não a incluem na lista dos aceitos pelo cânone, por uma condição imposta pela hegemonia de determinadas manifestações ideológicas.

Dalcastagnè (2015, p. 41) afirma que "é preciso um esforço considerável para encontrar, em meio a uma literatura tão marcadamente de classe média, branca e masculina como a brasileira, uma construção diferente sobre a experiência urbana contemporânea". São obras como *Diário de Bitita* que nos permitem "uma profunda reflexão sobre quem tem o domínio sobre os espaços públicos no Brasil" (DALCASTAGNÈ, 2015, p. 41) Assim, conseguimos entender a

Afluentes: Revista de Letras e Linguística, Bacabal, v. 10, n. 27, p. 01-25, jan/jul. 2025

importância de Carolina no seu testemunho como indivíduo e como um ser coletivo que representa outras mulheres pobres, negras e periféricas que não têm espaço para mostrar sua luta e sua indignação com o contexto em que vivem. O impacto que sua obra gera nos faz refletir os espaços de luta e de empoderamento dos seus.

Carolina não teve seu final feliz, conforme afirma Lajolo. Não recebeu o que era devido pela publicação de suas obras no Brasil e no exterior, foi esquecida pelo público pouco tempo após a publicação de *Quarto de Despejo*. Seu sonho da casa de alvenaria não se realizou como gostaria. Morreu esquecida, sem flores, sem reconhecimento e sem sonhos realizados.

Ao contrário da Cinderela branca, que todos conhecem, a desconhecida Cinderela negra tem uma outra história: não encontra seu príncipe encantado, não se casa, não é feliz para o resto da vida; e muito pior, volta às origens, transformada em Borracheira, deixando a todos, participantes e testemunhas, perplexos e insatisfeitos com o desenredo: por que, afinal, não deu certo o conto de fadas para Carolina Maria de Jesus quando, em 1960, seu *Quarto de Despejo* foi um estrondoso sucesso de vendas? (LAJOLO, 2015, posfácio)

A análise de suas obras acontece, principalmente, através do viés dos estudos feministas com sua devida importância para o debate de sua condição de subalterna. Carolina foi a primeira escritora negra do Brasil a ter sete obras publicadas, sendo *Quarto de despejo* traduzido para treze idiomas e vendido em mais de 40 países. Mesmo assim, ficou mais conhecida pelo exotismo de sua figura e obra que lembrada por sua qualidade literária e política. Por anos sua obra foi esquecida pela própria academia, sendo ressignificadas muitos anos depois por meio da publicação de biografias e trabalhos acadêmicos que ratificavam que a sua visão sobrepunha o discurso hegemônico. Ainda hoje, mesmo diante da relevância de sua obra, muitos dos livros mais famosos utilizados no ambiente acadêmico do curso de Letras como *A história concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi e *A literatura brasileira através dos textos*, de Massaud Moisés não chegam sequer a citar o nome de Carolina.

As universidades só começaram a enxergar os textos de Carolina Maria de Jesus anos após a sua morte. Os pesquisadores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine fizeram várias entrevistas com familiares e amigos próximos de Carolina para entender mais sobre a sua vida e obra. O resultado foi a publicação

do livro *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, em 1994. Uma das primeiras teses de doutorado defendidas sobre a autora foi *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata*, de Germana Sousa em 2004. Essas publicações deram a ela um espaço num lugar a que não pertencia até então, o de escritora.

O ESTILO AUTOBIOGRÁFICO EM *DIÁRIO DE BITITA*

A obra de Carolina Maria de Jesus é, predominantemente, de estilo autobiográfico. A representação dos personagens, o espaço e o tempo são cunhados a partir de um único ponto de vista: o de Carolina. A escrita de si ou a autobiografia é um gênero literário com uma tradição masculina que tem como foco enaltecer os grandes feitos destes. Para Lejeune (2008, p. 14) a autobiografia é uma "narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade". Apesar do título *Diário de Bitita* remeter ao gênero diário, essa obra não se encaixa nesse gênero textual, uma vez que o diário é uma escrita que se faz do cotidiano caracterizado pela marcação de datas e anotações sobre os dias relatados, conforme definição de Lejeune (2008, p. 259), "o diário é uma série de vestígios datados". O diarista tem uma preocupação com a marcação da passagem do tempo, o que absolutamente não acontece na obra analisada. A partir da leitura do *Diário de Bitita* em muitos momentos não é possível identificar o período descrito, pois não há marcação do tempo. Além disso, o relato de Carolina nesta obra acontece através de memórias de infância, onde o adulto que escreve está bem distante da criança que um dia foi, e talvez por isso não tenhamos uma data precisa para marcação dessas memórias.

A utilização do "Diário" no título não faz, nesse caso, referência à tipologia textual, mas um apelo na tentativa de resgatar o sucesso de *Quarto de despejo*. A utilização do apelido de infância no título é comum em narrativas de infância. Portanto, ao intitular a obra como *Diário de Bitita* a narradora refere-se a si mesmo em suas memórias de infância a partir de um ponto de vista particular, e ao mesmo tempo universal ao referir-se aos escravizados, às empregadas domésticas, às mulheres negras e pobres e, principalmente, às crianças negras e pobres que são exploradas em várias esferas desde a infância.

Na obra citada intitulada *O pacto autobiográfico* (2008, p. 14), Philippe Lejeune defende a ideia de que há elementos pertencentes a essa categoria de escrita, dentre os quais a obra *Diário de Bitita* se encaixam adequadamente:

1. Forma da linguagem
 - a) narrativa;
 - b) em prosa.
2. Assunto tratado: vida individual, história de uma personalidade.
3. Situação do autor: identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador.
4. Posição do narrador:
 - a) Identidade do narrador e do personagem principal;
 - b) Perspectiva retrospectiva da narrativa.

Há uma relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem e essa identidade é marcada pelo emprego da primeira pessoa. Lejeune (2008, p. 19) define que o modo mais usual de autobiografia é a "em primeira pessoa", o que traz algumas incertezas com a maneira em que se estabelece as identidades entre o autor e o narrador que também é personagem. Essa definição em primeira pessoa é normalmente acentuada pelos pronomes pessoais eu/tu que marcam a "identidade do sujeito da enunciação e do sujeito do enunciado".

No enunciado a seguir, Bitita descreve a falta que sente de seu pai, principalmente quando ele chama a mãe dela de "filha": "Eu achava bonito ouvir minha mãe dizer: -Papai! – E o vovô responder-lhe: - O que é, minha filha? Eu invejava a minha mãe por ter conhecido pai e mãe." (Jesus, 2014, p. 13). Nota-se nos trechos citados que o assunto tratado é a vida individual da personalidade que como autora e narradora remete a sua própria identidade a partir de uma perspectiva retrospectiva. O pronome em primeira pessoa em "Eu achava bonito" e "Eu invejava a minha mãe" é utilizado para marcação da narrativa em primeira pessoa e definição da personagem Bitita.

A alcunha "Bitita" é utilizada na maioria dos casos para a marcação da personagem. O nome "Carolina" é normalmente utilizado em situações mais formais como durante o período da escola. Como a narrativa retrata a infância da autora, o apelido acaba sendo o termo mais comum para referenciar a personagem/autora. Segundo Lejeune (2008, p. 27) a identidade entre

personagem, narrador e autor pode estabelecer-se “implicitamente, na ligação autor-narrador, no momento do pacto autobiográfico” que assume a forma do uso do título *Diário de Bitita* que “não deixa pairar nenhuma dúvida quanto ao fato de que a primeira pessoa remete ao nome do autor”. Assim, quando lemos o título da obra de Carolina, logo relacionamos o diário como um texto pessoal que retrata a vida da autora, o que é ratificado com o uso da primeira pessoa durante o texto.

Lejeune (2008, p. 30) afirma também que a utilização do nome do personagem igual ao nome do autor exclui a possibilidade de ficção. É denominado *Pacto autobiográfico* pelo autor a afirmação dessa identidade no texto, remetendo ao nome do autor fixado na capa do livro. O que define a autobiografia para quem a lê é o contrato de identidade do “eu” que é selado pelo nome próprio do autor. Para Lejeune “o tema profundo da autobiografia é o nome próprio”, pois não há razão para se duvidar da identidade do autor/narrador/personagem:

A identidade se define a partir de três termos: autor, narrador e personagem. Narrador e personagem são as figuras às quais remetem, no texto, o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. O autor, representado na margem do texto por seu nome, é então o referente ao qual remete, por força do pacto autobiográfico, o sujeito da enunciação. (LEJEUNE, 2008, p. 36)

O pacto autobiográfico defende a intenção do autor de dizer a verdade em sua escrita. Quando analisamos biografias e autobiografias nos deparamos com textos referenciais, o que, para Lejeune, diz respeito a proposta do autor em fornecer informações de uma realidade externa ao texto e estar submetido a verificações daqueles que o leem. Assim, para Lejeune (2008, p. 36), “o pacto referencial, no caso da autobiografia, é em geral, coextensivo ao pacto autobiográfico, sendo difícil dissociá-los, exatamente como ocorre com o sujeito da enunciação e o do enunciado na primeira pessoa”. O autor defende ainda, que embora seja indispensável que o pacto referencial seja cumprido, não é necessário que o resultado seja de estrita semelhança, o que o difere das narrativas históricas ou jornalísticas:

Um autor não é uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles. Um autor se define como sendo simultaneamente uma pessoa real socialmente responsável e o produtor do discurso. (LEJEUNE, 2008, p. 36)

No texto de Carolina a enunciação em primeira pessoa traz ao leitor essa ligação com o pacto referencial, ao confrontarmos o texto *Diário de Bitita* com pesquisas realizadas pela internet para verificação do cumprimento da referencialidade, nos deparamos com testemunhos que coincidem ao que foi escrito pela autora. O texto representa a vida da personagem o mais próximo possível de sua realidade, como observamos no trecho em que Bitita fora demitida por não abrir as moelas da galinha: “- Ordinária. – Cadela nojenta! Assustei, quando olhei o rosto da patroa. Prepare suas roupas e vá embora! [...] – Oh, mamãe! Não é assim que se trata as domésticas. Elas também são seres humanos que merecem nossa consideração” (Jesus, 2014, p. 198). Nesse exemplo é observada a vivência de Carolina como empregada doméstica na casa de uma de suas patroas. O assédio fica explícito nos termos “ordinária” e “cadela nojenta” ditos à Carolina, o uso da primeira pessoa deixa claro o desconforto da autora àquela situação. Era seu primeiro trabalho como cozinheira, embora tenha se esforçado em demasia, não atendia às expectativas da patroa rica. Infelizmente, quando lemos esses trechos já sentimos a referencialidade com a realidade que temos, uma vez que o tempo todo lemos e vemos casos de exploração do trabalho doméstico e situações de trabalho análogo à escravidão.

Por outro lado, Lejeune afirma que o resultado do pacto nem sempre pode ser de estrita semelhança, como observa-se no trecho em que Bitita reclama sobre as surras que recebia da mãe: “minha mãe me espancava todos os dias. Quando eu não apanhava, sentia falta. Então compreendi que o vovô era o meu defensor [...] Quando minha mãe me batia, eu ia para a casa do meu avô” (Jesus, 2014, p. 29). Nessa citação podemos identificar uma possível hipérbole quanto à descrição dos inúmeros castigos sofridos por ela, onde talvez, por ser uma memória de infância, essas repetições tenham ficado na mente da autora de forma exagerada por conta dos traumas dessa situação.

É importante definir que o pacto de referencialidade traz à obra de Carolina a confirmação da realidade de uma classe que está sendo representada em sua obra por sua identidade: a classe das mulheres, negras, pobres e periféricas, como observamos no seguinte trecho: “Um dia, minha mãe estava lavando roupa. Pretendia lavá-la depressa para arranjar dinheiro e comprar comida para nós. Os policiais prenderam-na. [...] Eu pensava: ‘Só as pretas são presas’” (Jesus, 2014,

p. 31). Aqui temos a representação da realidade de homens e mulheres negros que são presos injustamente por causa de sua cor e condição social.

Essa identidade do autor é compartilhada por aqueles que pertencem ou se integram à classe a que ele pertence. Assim, os relatos autobiográficos não têm a intenção apenas de publicar memórias da vida do autor/narrador/personagem, mas “constituem o espaço em que se elabora, se reproduz e se transforma: uma identidade coletiva”, as formas de vida próprias das classes sociais, principalmente a classe dominante. Lejeune (2008, p. 131). Logo, quando pessoas dos grupos sociais pertencentes à periferia e ao proletariado publicam suas obras, têm-se aqui um autor que se torna sujeito da própria realidade, e não apenas objeto de descrição da classe dominante. E ainda, “o fato de assumir o próprio relato de vida representará um ato de ascensão social e de integração à cultura dominante, mesmo se isso for feito no âmbito de uma luta militante destinada a suscitar uma consciência de classe” (LEJEUNE, 2008, p. 133).

O relato de vida de um sujeito periférico como Bitita torna-se um espaço para elaboração de consciência de classe daqueles que vivem na mesma condição. Assim como serve para imbuir valores que remetem à consciência da importância da participação desses sujeitos na história e nas lutas sociais. A grande questão aqui diz respeito ao acesso dessas obras para a classe dominada, visto que, normalmente, quem lê literatura é a classe dominante. Lejeune (2008, p. 135) é categórico quando afirma que “a principal contradição diz respeito ao circuito de comunicação: os escritores proletários não atingem a classe operária. Ou se atingem é pela mediação da classe dominante”. Assim, entende-se o silenciamento desses escritores durante séculos, pois isso não aconteceu por falta de talento, mas por falta de público, conforme afirma Lejeune (2008, p. 114) “a autobiografia não faz parte da cultura dos pobres”.

E é a partir do relato nos quais esses “militantes” narram sua história que há um pensar questionando as identidades que foram construídas ao longo da história desses sujeitos de classes dominantes e da descrição idealizada dos dominados. Os vieses sociológicos trazem aos textos literários pontos de vistas pessoais das experiências do outro. O feminismo, por exemplo, tira do anonimato grandes nomes da literatura que foram deixados para trás por sua condição de gênero. As autobiografias transgressoras ainda representam um número

pequeno comparado aos textos hegemônicos. A autobiografia de Carolina é um texto que traz essa subversão dos padrões literários socialmente instituídos, hegemonicamente masculino, branco e de classe média, pois segundo Rago (2013, p. 58)

Ao contrário da necessidade de purificação pela escrita confessional que desenrola o filme da vida, como nas autobiografias clássicas masculinas, que visam zerar o passado e aliviar a alma, essas narrativas feministas visam romper o isolamento feminino na vivência da dor, e, portanto, acentuam a dimensão do testemunho apontando para a denúncia das violências sofridas pelo terrorismo do Estado, pelo autoritarismo do partido político, pela Igreja ou pelos preconceitos sexuais e sociais.

O entendimento desse olhar misógino se faz presente na autobiografia de Carolina em vários momentos desde sua infância. Era sempre mal tratada e vista como objeto por ser mulher negra, tanto que ainda na infância desejou ser homem: “- Mamãe...eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher! Vamos, mamãe! Faça eu virar homem!” (Jesus, 2014, p. 16). Sempre a olhavam com menosprezo; era vista como serviçal que deveria ser obediente em quaisquer dos ambientes que ela frequentava. Assim, acentua-se a necessidade de estudos e debates sobre autobiografias que saem ao padrão hegemônico, com o intuito de reflexão sobre outras realidades que são tão diferentes aos textos consolidados.

22

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Diário de Bitita* é uma valiosa contribuição literária, social e histórica. A leitura desta autobiografia permite a análise da vida das personagens a partir de várias perspectivas. É possível perceber que apesar de ser intitulada como “diário”, a obra de Carolina, na verdade, é uma autobiografia, pois não possui marcação de datas, característica básica dos diários, como ela fez na obra *Quarto de despejo*.

A pesquisa também trouxe uma reflexão acerca do lugar de Carolina. Inicialmente, no cânone literário, observando grande clássicos da teorização da literatura brasileira, foi possível perceber que tanto a autora, quanto sua obra, não estão presentes em livros acadêmicos muito utilizados em sala de aula. A referência sobre a autora, assim, somente é possível se partir da complementação do docente, quando este também possuir conhecimento e acesso à sua obra.

Desde a publicação de suas obras, Carolina sofreu com a segregação social, não apenas de sua obra, mas também de si e dos seus filhos. A obra analisada nesta pesquisa trata sobre a infância de Carolina. Os espaços e os tempos foram descritos e destacados para que se pudesse observar com minúcia o lugar que a sociedade reservou para Bitita no tempo de sua infância e adolescência.

Só foi possível observar, em toda a narrativa, um lugar que deveria ser comum a todos que Bitita pode frequentar por pouco tempo: o colégio Allan Kardec. Mas, mesmo frequentando este espaço de conhecimento que foi um grande diferencial em sua vida, ela sofreu com inúmeros preconceitos ligados à sua raça.

A narrativa reafirmara que o lugar da mulher negra e pobre é o da subalternidade. Os espaços destinados a ela sempre foram o da limpeza, o da cozinha e das instituições de caridade.

Carolina, em sua obra, demonstra muito bem essas opressões vivenciadas diariamente pelas mulheres negras. É possível observar na obra o desejo dela em tornar-se homem, pois, mesmo criança, compreendia a diferença social para homens e mulheres. Desejou também clarear a pele, alisar o cabelo e fazer uma cirurgia no nariz na adolescência. Trabalhou por seis meses com afinco para ter acesso a esses procedimentos prometidos por uma de suas patroas e foi enganada. sequer recebeu o valor referente ao seu trabalho. Sentiu na pele a segregação por ser pobre, foi maltratada por parentes quando precisou de um teto para dormir por algumas noites. Foi humilhada por estranhos por pedir e por não poder trabalhar devido a uma saga de feridas nas pernas. Sonhou a vida inteira com um teto todo seu, uma casa de alvenaria, um lugar confortável e com comida suficiente.

Carolina não sofreu somente por ser mulher, nem somente por ser negra, muito menos por ser apenas pobre. Ela foi oprimida por todos esses sistemas de forma conjunta.

Ela sentiu a opressão por sua classe, por ser empregada doméstica. Não recebia o equivalente ao seu esforço. Não recebeu da sociedade o que a meritocracia prega. Esforçou-se até o esgotamento para ter um pouco de comida e de conforto. Não chegou a ela a riqueza prometida pelo esforço tão difundido socialmente.

Nasceu e morreu pertencendo à mesma classe dos subalternos e oprimidos. E embora por um breve momento tenha melhorado um pouco de vida com a venda de seus livros na vida adulta, suas obras Quarto de despejo e Casa de alvenaria deixam claro o quanto ela foi enganada por continuar não recebendo o valor equivalente ao seu trabalho.

Entender e estudar sobre essas opressões são fundamentais para que os oprimidos possam compreender como o sistema o oprime e encontrar formas para restaurar a humanidade social. A luta pela liberdade não beneficia apenas aos oprimidos, aos opressores também, pois nenhuma sociedade vive em harmonia quando há segregação e desigualdade.

E é através de pesquisas e ampliação do acesso ao conhecimento que podemos realizar uma análise social crítica das opressões advindas do colonialismo, do racismo, do nacionalismo, do capitalismo e do patriarcado de forma singular e conjunta dessas realidades. E, assim, encontrar novas ferramentas potenciais para sanar além das já citadas mazelas, a exploração econômica, a subalternidade e a dominação política e social.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. 2004. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades. p. 169-191.
- CANON, Roberto Reis. In: José Luís Jobim, org. *Palavras da crítica* – tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92. p. 70.
- CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais da Mata. *Muito bem, Carolina!* - Biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre (RS): Zouk, 2015.
- FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.
- JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014.
- _____. *Casa de alvenaria*. Vol.1. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- JOBIM, José Luis. O Cânon Literário e a Avaliação dos Cursos de Letras. In: VALENTE, A.C. *Língua, Lingüística e Literatura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ,1998.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MEIHY, J. C. S. B.; LEVINE, R. M. *Cinderela Negra*: a saga de Carolina Maria de Jesus. Minas Gerais: Editora Bertolucci, 2015.

MOSER, Benjamin. *Clarice*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

Enviado em: 18 de junho de 2024

Aprovado em: 05 de fevereiro de 2025